

Carlos Drummond

de Andrade

A memória nacional em microfilme

Aqui está uma boa notícia para os pesquisadores que frequentam a Biblioteca Nacional. Foi microfilmada toda a coleção do *Jornal do Comércio*, de 1827 a 1976 — século e meio de história e vida social do Brasil: sabem lá o que é isto? E tem mais. Muitos outros jornais e revistas de importância considerável para a crônica da vida nacional, como a *Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga, a *Minerva Brasileira*, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822), o recém-falecido e bravo *Correio da Manhã*, no todo ou em parte, já podem ser consultados em microfilme, enquanto se prepara o mesmo serviço com relação ao *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878), a *O País*, a *Noite*, para citar apenas alguns dos periódicos mais procurados.

Então aquela penosa mineração em volumes que se esfarinhavam ao toque dos dedos (consequência de anos e anos de manuseio e de condições precaríssimas de conservação, pela eterna falta de recursos orçamentários) cede lugar a uma operação que não suja a roupa nem estraga as páginas tênues do papel atacado pelo tempo. Fica extinto o uso do guarda-pó, que não sei se o R. Magalhães Júnior e o Jota Efegê envergavam no curso de suas pesquisas na B.N., mas que certamente era mais do que recomendável em se tratando de conhecer detalhes da Guerra do Paraguai no *Jornal do Comércio* de 1869. "Perdi minha gravata nova", queixou-me um amigo que lá andou há tempos abelhuda fofocas e anedotas do Rio Nu, esse espelho da malícia carioca, florescente de 1898 a 1916. Pois agora ele pode voltar à curtição daquelas páginas. O Rio Nu está microfilmado — e como é inocente em comparação com o que se imprime ou se exhibe hoje por aí! (Por favor, não extraiam desta observação qualquer traço de catonismo; eu adoro os novos tempos, no que eles têm de oposto à virtuosa hipocrisia burguesa).

Ao que parece, este bom serviço se integrará num plano nacional de microfilmagem de periódicos brasileiros, aprovado pelo Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação em dezembro último. Plano que por sua vez se integrará no programa nacional de preservação da documentação de interesse histórico-cultural. O qual, a seu turno, deverá ter em vista os objetivos da política nacional de cultura, dentro do plano setorial da educação e cultura daquele Ministério. É muito plano e programa, o que me deixa confuso, mas não custa desejar boa sorte aos homens que se disponham a botá-los em prática. E este começo de microfilmagem na Biblioteca Nacional, sob as vistas de Janice Montemor, pode servir de bússola para realizações em escala nacional. O país estava ficando muito sem memória; o que tem reflexos no comportamento social e na direção dos negócios públicos. O microfilme busca remediar este mal.

Aqui me ocorre uma ponderação que submeto aos zeladores da documentação brasileira de qualquer natureza. Passar para microfilme a matéria impressa ou manuscrita do passado não deve acarretar despreço subsequente pelo original microfilmado. Ao contrário. Cumpra redobrar de cuidados em seu favor. O objeto vale mais do que sua representação. Vamos zelar mais pelos arquivos, pela sescrituras e jornais da monarquia, vamos defendê-los da mão inábil que rasga ou mancha o papel respeitável; da mão e do cuspim, da umidade e do calor que os deterioram e consomem. Que a popularização do microfilme e da cópia xerográfica não importe em deixar ao abandono, daí por diante, as peças cujo teor foi preservado mediante reprodução mecânica. Sem esquecer que esta sofre os mesmos riscos de aniquilamento pelo tempo e pela ação dos desavisados. Ganhamos espaço condensando em pequenino rolo a massa colossal de papel, mas isso não quer dizer que joguemos pela janela ou condenemos à ruína o que foi considerado digno de ser transmitido a outras gerações. Em resumo: viva o documento!

★

O QUE FALTOU

Uma palavra sobre as enchentes que produziram milhares de desabrigados no chão do Estado do Rio, do Espírito Santo e de Minas Gerais. Já não falo nos prejuízos econômicos e na desorganização da vida. Penso nos que morreram, nos que estão sob a ameaça do tifo, nos inúmeros humildes que ficaram sem alimento e sem recursos para obtê-los, com seus parques bens perdidos e suas famílias ao desamparo. Sim, o Governo, os Governos tomaram providências. Mas, e o povo deste país: não se movimentou, não revelou praticamente sua solidariedade às vítimas da água? Não se desencadeou uma vasta campanha popular, em cooperação espontânea com as autoridades? Ou, no momento, só há condições para se pensar em carnaval e samba?